

**MARIO QUINTANA, QUASE INÉDITO E BASTANTE ESPARSO NA HISTÓRIA
DA LITERATURA BRASILEIRA**

Mestranda Patrícia Araújo (UESC)
Prof. Dr. André Mitidieri (UESC)

Resumo:

O presente texto é o resultado do primeiro capítulo da dissertação do Programa de Pós-Graduação do Mestrado em Letras: linguagens e representações, da Universidade Estadual de Santa Cruz, que será composta de três capítulos, com o título Inéditos e esparso: um elo perdido na história editorial de Mario Quintana. A pesquisa se mostrou relevante, pois possibilitou o levantamento da fortuna crítica e de obras biobibliográficas sobre Mario Quintana, considerando matéria de sua autoria, até o momento, praticamente desconhecida pelo público leitor e pela crítica literária brasileira. No que concerne ao quadro teórico-metodológico, utilizou-se o cunho comparativo-histórico-literário, posto que suscitou questões referentes a reunir fortuna crítica e obras biobibliográficas sobre Mario Quintana, bem como capítulos a ele dedicados em Histórias da literatura brasileira. Portanto, a lacuna nos estudos biobibliográficos e críticos sobre Quintana mostrou ser de extrema valia para a realização deste trabalho. Inferiu-se, então, do que dizem os autores que nos convém buscar os “rastros” deixados por Mario Quintana, a fim de decifrar e interpretar os materiais estudados.

Palavras-chave: Mario Quintana, História, Literatura Brasileira.

1 Introdução

A admissão de Mario Quintana no cenário da literatura nacional apenas ocorre sem maiores entraves na década de 1960, em paralelo ao lançamento de sua *Antologia poética* pela editora Globo no ano de 1966. O escritor não cessará de lançar livros, sempre guiado por suas publicações em jornal, atividade que nunca abandona. O nome do poeta sul-rio-grandense, contudo, não figura em várias obras da historiografia literária brasileira e, quando isso acontece, sua bibliografia é apresentada com várias lacunas, demonstrando que:

não há mais espaço para os discursos dogmáticos da historiografia literária tradicional; não pode haver mais uma ‘História da Literatura’, mas histórias de literaturas que professem expressar não ‘verdades absolutas’, mas que busquem apresentar diferentes possibilidades de leituras, que abordem os fenômenos literários respeitando seu caráter plurissignificativo, seu contexto de produção, as especificidades de seus leitores em diferentes espaços e tempos. Descalçar os ‘velhos sapatos’ e experimentar os novos é o que nos permitirá trilhar novas veredas nos campos da literatura (MOREIRA, 2009, p. 20).

A partir da segunda metade do século XX, as mudanças de paradigmas que resultaram na revisão de objetivos e métodos da história, com a superação dos moldes positivistas e teleológicos, também atingiram a história da literatura, sobretudo a partir do momento em que, ao final dos anos de 1960, Hans Robert Jauss desenvolveu novos modelos de análise do fenômeno literário, trazendo à baila a figura do leitor e destacando o

contexto histórico, como passível de diversas interpretações. Isso contribui para o desenvolvimento de estudos que, no campo da historiografia literária, avançam em relação às discussões propostas por Jauss, reinterpretando conceitos essenciais. Atualmente, é preciso considerar que, “através de critérios questionáveis, a historiografia literária tradicional julga, seleciona e rotula autores e obras, subordina-os a modelos estetizantes e limita a interpretação dos leitores” (MOREIRA, 2009, p.154).

Na percepção de Moreira, a noção de literatura e o gosto pessoal do historiador literário explicam o que ele chama de “fissura na historiografia tradicional”. Uma dessas fissuras diz respeito ao conceito de literatura apresentado por muitos autores. Afrânio Coutinho, por exemplo, compreende-a como um monumento, como objeto catártico e não como documento. Massaud Moisés entende que está associada a um contexto histórico e sociocultural, servindo como fonte histórica, enquanto José Aderaldo Castello busca identificar o processo de construção da identidade brasileira a partir da formação da literatura nacional.

Apesar de estabelecerem, na introdução de seus compêndios, como compreendem a literatura, ao realizarem suas análises, os autores anteriormente citados terminam considerando a literatura como fenômeno à parte da história, por não levarem em conta as condições de produção e recepção das obras. Essa seria a segunda fissura da historiografia nacional. Outro problema grave diz respeito ao procedimento de periodização literária, que se mostra frágil e parece rotular os escritos. Assim, um autor que não respeita as características de sua época tem seu texto visto como falho, inadequado. A terceira fissura corresponderia ao desejo, no qual muitos críticos ainda insistem, de manter a consideração do Modernismo de 1922 como o eixo irradiador em torno do qual se constrói a história nacional.

Críticas similares são tecidas por Paulo Franchetti (2002), em seu artigo “História literária: um gênero em crise”, lembrando-nos que, até o final do século XIX e início do XX, a coroação de um escritor estava em escrever a história da literatura nacional. Contudo, “sob as críticas dos formalistas russos, da Nova Crítica americana, do idealismo croceano e dos estruturalistas, a história literária passou a declinar em prestígio e em respeitabilidade científica” (p. 1), como já apontava Hans Robert Jauss. Apesar de todas as controvérsias, prestígio e desprestígio experimentados, a história da literatura ainda ocupa lugar de destaque nos centros acadêmicos e se configura como a forma privilegiada de trabalho com as obras literárias, pois na “medida em que apresentam o contexto histórico-cultural das obras e organizam os autores e os momentos segundo uma perspectiva cronológica mais ou menos linear, a maior parte dessas disciplinas monográficas termina por ser também história literária” (FRANCHETTI, 2002, p. 2).

O autor nos mostra que até hoje se observa no Brasil um estudo das questões literárias pautado na historicização ou periodização literária, fundamentado nos compêndios publicados no século passado:

no espaço de desenvolvimento da reflexão erudita, que é a universidade, a forma institucional predominante de trabalho com a literatura ainda é, como sempre foi, a história literária. E como a universidade não só forma os professores do ensino médio, mas ainda estabelece os critérios de seleção dos pretendentes ao diploma universitário, e como o exame vestibular aparece hoje como uma das principais razões objetivas para a existência de uma disciplina específica sobre literatura nos cursos de segundo grau, acabamos por ter, neles, uma duplicação da história literária ensinada na universidade (FRANCHETTI, 2002, p. 2).

Desse modo, o estudo da literatura brasileira, na universidade e no ensino médio, tem como importante base o cânone nacional estabelecido há mais de um século, por Silvio Romero. É a partir da publicação de *Noções de história das literaturas*, de Manuel Bandeira em 1940, que o Modernismo passa a ocupar o centro da história literária nacional; em seguida, vieram os estudos de Alceu Amoroso Lima – *Introdução à literatura brasileira* (1956) e *Quadro sintético da literatura brasileira* (1959) – que, ao estabelecerem a noção de um pré-Modernismo, contribuíam para afirmar a hegemonia do movimento modernista entre os estudos de historiografia literária. Essa “verdade” é repassada ao público leitor através dos livros didáticos, que, em grande parte, apresentam as “tendências contemporâneas”, posteriores à geração de 1945, de modo sumário, por intermédio de um “quadro nada sintético e em geral inútil como descrição de conjunto” (FISCHER, 1999, p. 108).

Embora antecederesse ao lançamento de *Inéditos e esparsos*, ocorrido em 1953, a obra citada de Manuel Bandeira passaria por reedições, sendo por isso examinada a fim de cumprir os objetivos aqui propostos. Esse também é o caso da *História da literatura brasileira: seus fundamentos econômicos*, de Nelson Werneck Sodré (1964), com primeira edição em 1938, mesmo ano em que Mario Quintana publicava, na revista *Ibirapuitan*, os sonetos que, dois anos mais tarde, seriam reapresentados em seu livro de estreia *A rua dos cataventos* (1940). O autor fala da literatura como expressão da sociedade, projeto que desenvolve em três seções: “Literatura colonial”; “Esboço da literatura nacional”; “Literatura nacional”. Nessa seção, discorre sobre a produção literária do país, desde o declínio dos elementos coloniais, ao movimento modernista e à Revolução de 1930, para terminar com o tópico “Do regional para o universal”, sem contudo fazer nenhuma referência a Quintana.

Já Manuel Bandeira (1960), em seu livro *Noções de história das literaturas*, como sabido, publicado originalmente em 1940, cita Mario Quintana no título “A poesia depois do Modernismo”, como “fino e original poeta brasileiro que ainda não tem a notoriedade que merece” (BANDEIRA, 1960, p. 514). Convém lembrar que Bandeira se revela como o primeiro a falar do poeta sul-rio-grandense em trabalho de história literária e, um ano mais tarde, em 1941, é dele que “convoca Canção de um Dia de Vento” e a “Canção-ballet” à antologia *Obras-primas da lírica brasileira* (MITIDIÉRI, 2011b, p. 21).

Entres os anos de 1955 a 1968, vem a lume *A literatura no Brasil*, coleção organizada por Afrânio Coutinho (2004). Em seu quinto volume, denominado “Era modernista”, no capítulo “Modernismo na poesia” (COUTINHO, 2004), Péricles Eugênio da Silva Ramos (p. 43-229), responsável por essa seção do livro, destaca a obra poética de Quintana, mas entre ela, não são citados nem *Inéditos e esparsos* (1953) nem *Espelho mágico* (1951). O ensaísta apresenta *A rua dos cataventos* (1940) como “O primeiro livro, que por duas vezes se reporta a Antônio Nobre, cuja sombra o visita, é constituído de sonetos cheios de suavidade, sonho, melancolia, e também de algum desânimo, comisseração e *humour*” (RAMOS, 2004, p. 192). Do conjunto que podemos considerar como a produção inicial do poeta, o autor ainda elenca *Canções* (1946), *Sapato florido* (1948), *O aprendiz de feiticeiro* (1950), *Poesias* (1962), que “reúne os livros de Quintana, e sua *Antologia poética* (1966) inclui 60 poemas inéditos” (RAMOS, 2004, p. 194).

Por sua vez, *Introdução à literatura brasileira* (1956), Alceu Amoroso Lima, em momento algum, nem nas divisões segundo os critérios estético ou espacial, nesse caso, ao opor a literatura do Norte à literatura do Sul e a do campo à da cidade, menciona Mario Quintana ou seus escritos. O mesmo silêncio é registrado em *Da crítica e da nova crítica*, obra lançada em 1957, na qual Afrânio Coutinho (1975) apresenta bibliografias de autores

brasileiros expressivos ao discutir questões referentes à historiografia literária, às relações entre crítica e estética, à história e ao problema da crítica etc. Similar omissão é notada na *Pequena história da literatura brasileira*, de Ronald de Carvalho (1958). Entretanto, Quintana merece uma seção na *Introdução à literatura no Brasil*, publicada originalmente em 1959 por Afrânio Coutinho (1976) que, ao tratar do Modernismo brasileiro, infere:

a princípio, confundiu e desprezou os gêneros; valorizou a livre associação de ideias, os temas do cotidiano, do terra-a-terra, as expressões coloquiais e familiares, a vulgaridade, a desordem lógica. Era o pleno império da aventura e do intuitivismo, da poesia-experiência. [...] Dentro dessa ordem de princípios, estende-se toda uma galeria de grandes nomes da poesia brasileira: Manuel Bandeira, Mário de Andrade, Cassiano Ricardo, Jorge de Lima, Oswald de Andrade, Raul Bopp, Carlos Drummond de Andrade, Ribeiro Couto, Guilherme de Almeida, Cecília Meireles, Menotti del Picchia, Ronald de Carvalho, Murilo Araújo, Murilo Mendes, **Mario Quintana** [...] (COUTINHO, 1976, p. 293, grifo nosso).

O crítico aponta entre as tendências ou correntes da poesia modernista, até aquele momento, os remanescentes ou resíduos da poesia anterior ao Modernismo, e que o atravessaram e vieram refletir-se até hoje em certa tendência universalista e espiritualista: do Simbolismo e Pós-Simbolismo, através de Tasso da Silveira, Onesto de Pennafort, Murilo Araújo, Cecília Meireles, Augusto Frederico Schmidt, atinge Emílio Moura, Vinícius de Moraes (1ª fase), Henriqueta Lisboa, Alphonsus de Guimaraens Filho, **Mario Quintana**, até a última fase de Jorge de Lima (COUTINHO, 1976, p. 650, grifo nosso).

O poeta sul-rio-grandense também vai aparecer no *Quadro sintético da literatura brasileira*, em que Alceu Amoroso Lima (1959) cita, na fase moderna da produção literária nacional, desde Manuel Bandeira a Murilo Araújo, além de fazer “menção especial” a autores como Domingos Carvalho da Silva, Bueno de Rivera, Geir Campos, Péricles Eugenio da Silva Ramos que, juntamente com

Mario Quintana, Manuel Cavalcanti, Afonso Félix de Sousa, cuja obra é considerada por alguns como um ‘*turning point*’ da poesia brasileira moderna (Oswaldino Marques), Antonio Olinto, Marcos Konder Reis, José Paulo Moreira da Fonseca, Darci Damasceno, Mauro Mota, Tiago de Melo, Maria da Saudade, Cortesão, Carlos Pena Filho, Jorge Medauar e tantos outros vêm aparecendo recentemente e mostram, precisamente, como de mais original, uma preocupação crescente e renovada com o elemento *verso*. Não chegarei a dizer que se trata de um neoparnasianismo, pois as formas exteriores mudaram muito e se tornaram sobretudo, muito mais complexas, como já observamos (LIMA, 1959, p. 125, grifo nosso).

No entanto, o nome do poeta sul-rio-grandense é omitido na *História da literatura brasileira*, em que Antônio Soares Amora (1960) procede a um apanhado da história da literatura brasileira desde os seus primeiros escritos até o momento em que se começa ou se tenta produzir uma literatura nacional. A obra encontra-se dividida em sete capítulos, sendo que, no último deles, “Era Nacional: época do Modernismo (1922-1945)”, apesar de estabelecer como recorte para seu trabalho a data anteriormente mencionada, o historiador literário cita autores dos mais diversos estados brasileiros que escreveram no período por ele estabelecido e durante os anos 1950, inclusive do Rio Grande do Sul, mas não elenca o

nome de Quintana.

É o que igualmente ocorre na *Introdução ao estudo da literatura brasileira*, obra composta por duas partes, e publicada em 1963 pelo Instituto Nacional do Livro. A mesma lacuna é verificada em *Aspectos da literatura brasileira*, de Mário de Andrade (1967), cuja segunda parte se concentra no Modernismo, sem contudo mencionar o poeta alegretense, o qual também fica de fora da seleção realizada por Antônio Cândido e José Aderaldo Castello (1967): *Presença da literatura brasileira*. Ao destacarem o Modernismo no terceiro volume do compêndio, os organizadores discorrem sobre autores que escreveram desde 1922 a 1945, apresentando seus poemas ou trechos de textos em prosa, comentados ao longo do trabalho, começando por Manuel Bandeira e terminando com Guimarães Rosa.

Quanto à *História concisa de literatura brasileira*, de Alfredo Bosi (1997), com primeira edição em 1970, o destaque acerca da obra quintanesca aparece nas páginas de números 518 e 519, do livro, pertencentes ao último capítulo em cujo subtítulo “Outros poetas”, o autor sublinha os 30 primeiros anos do século XX como marco de nossa contemporaneidade no contexto sociopolítico brasileiro. Entre os escritores dessa geração, Quintana é assinalado como “poeta que encontrou fórmulas felizes de humor, sem sair do clima neossimbolista que condicionara a sua formação (*Rua dos cataventos*, 1940; *Canções*, 1946; *Sapato florido*, 1948; *O aprendiz de feiticeiro*, 1950; *Apontamentos de história sobrenatural*, 1976)” (BOSI, 1997, p. 519). Como Péricles Eugênio da Silva Ramos (p. 43-229), o estudioso não elenca *Espelho mágico* (1951) e *Inéditos e esparsos* (1953) junto às primeiras obras literárias de Quintana, deixando ainda um lapso de mais de duas décadas desde o primeiro poemário quintanesco até o último livro que cita, de 1976, mesmo que sua *História concisa* venha passando por várias reedições.

Na década de 1970, foram escritas várias outras histórias da literatura brasileira: de Leodegário Azevedo Filho, *Síntese crítica da literatura brasileira*, publicada em 1971; a de Adolfo Casais Monteiro (1972), *Figuras e problemas da literatura brasileira contemporânea*; *A nova literatura*, de Assis Brasil (1975, publicada originalmente em 1973); de João Capistrano de Abreu (1976), *Ensaios e estudos: crítica e história*. Nessas publicações, Mario Quintana nunca é mencionado, mas figura na página 557 do *Dicionário literário brasileiro* de Raimundo de Menezes (1978). Entretanto, os poemas de *Inéditos e esparsos* não constam entre os livros apresentados como de sua autoria: *A rua dos cataventos* (1940), *Canções* (1946), *Sapato Florido* (1948), *O aprendiz de feiticeiro* (1950), *Espelho mágico* (1951), *Poesias* (1962), *Antologia poética* (1966), *Pé de pilão* (infantil) (1968) e *Apontamentos de história sobrenatural* (1976).

Ainda nos anos de 1970, Oliveiros Litrento (1978) realiza, em *Apresentação da literatura brasileira*, um estudo das origens da produção literária nacional. A obra encontra-se dividida em oito capítulos, sendo o último intitulado “Neo-Modernismo e ramificações contemporâneas”. Nessa seção, assim como em todo o livro, alguns autores têm trechos de suas obras destacados e comentados, como é o caso de João Cabral de Melo Neto que, junto a outros poetas, formariam um grupo de “escritores marcantes”, enquanto outros autores são apenas citados. Em momento algum, porém, Litrento (1978) cita Quintana ou seus escritos.

Prosseguindo com o levantamento de autores e obras que fazem alusão a Quintana, temos o *Pequeno dicionário de literatura brasileira* de autoria de José Paulo Paes e Massaud Moisés (1980), no qual o “anjo-poeta” é citado às páginas 203 e 204, assim como algumas de suas obras literárias: *A rua dos cataventos* (1940), *Canções* (1946), *Sapato Florido* (1948), *O aprendiz de feiticeiro* (1950), *Espelho mágico* (1951). Para os autores:

O enganoso ar ‘passadista’ de boa parte da obra de Mario Quintana, marginalizando-a no contexto da poesia brasileira posterior a 22, fez com que a crítica negligenciasse, as mais das vezes, o que há de refinadamente original no seu humor sutil e na sua diáfana melancolia (PAES; MOISÉS, p. 204).

O escritor sul-rio-grandense também é referido na segunda parte do *Panorama da literatura no Brasil*, de Amauri Sanches (1982). Nesse texto, são apenas comentadas as obras quintanescas *Canções* e *O aprendiz de feiticeiro*, ao mesmo tempo em que seu autor ganha a classificação de “esteta da emoção [...] o doce melancólico poeta gaúcho, que sabe trabalhar tanto a forma clássica quanto a nova expressão do Modernismo” (p. 85).

Das obras de caráter histórico-literário até agora analisadas, a de Massaud Moisés (1984), *História da literatura brasileira*, apresentada desde suas origens ao Modernismo e às tendências contemporâneas, é uma das que mais aborda a produção de Quintana. No último capítulo do livro em enfoque, o autor destaca *A rua dos cataventos* (1940), além de citar alguns de seus poemas, a saber: “Canção da janela aberta”, “Epígrafe”, “LXXIII da realidade”, “Noturno”, “Cântico”. Quintana é considerado um “Herdeiro do simbolismo, na sua face sentimental [...] ocupa lugar específico nos quadros da nossa modernidade” (MOISÉS, 1984, p. 533). O estudioso prossegue afirmando que o poeta alegretense escreve

[...] De onde o tom de quem fala diretamente aos ouvidos do leitor, em voz baixa, sussurrante, num intimismo que é a um só tempo confiança e ensinamento, ou quando pouco lenitivo para as agruras existenciais. [...] o amor ao cotidiano, traços de surrealismo, completam o retrato desse romântico tardio, ou moderno que não virou as costas à tradição nem se fez de surdo às vozes interiores, desse poeta ultrasensível que se tornaria uma das expressões mais límpidas da poesia lírica brasileira na segunda metade deste século. (MOISÉS, 1984, p. 534).

Flávio Aguiar também elenca Mario Quintana, mas não *Inéditos e esparsos*, em seu compêndio *Panorama da literatura*, publicado em 1988. Nos seis capítulos que o compõem, o crítico tece considerações acerca da literatura que conhecemos, do modo como a literatura conta a história, assim como trata da história da literatura e da literatura no Brasil, apresentando bibliografias de autores e comentando suas obras. Aguiar (1988) coloca Quintana junto a outros poetas modernistas que, “além de instaurarem a ideia de arte como contínua experimentação entre nós, descobriram um ‘novo’ Brasil, valorizando a linguagem cotidiana, os costumes populares, o folclore” (p. 60).

No entanto, em *A história contada: capítulos de história social da literatura no Brasil*, de Sidney Chalhoub e Leonardo Pereira, encontramos 12 artigos que não contemplam Mario Quintana. Por fim, Carlos Nejar (2007), em sua *História da literatura brasileira*, detém-se com pouco mais de minúcias do que outros estudiosos aqui estudados na produção literária do escritor alegretense. O estudioso aponta Álvaro Moreira como influente na criação do autor da *Rua dos Cataventos* e do *Caderno H*, além de considerar que, tal como Oswald de Andrade “pensou ‘nas caravelas da utopia’, Quintana inventou a ‘rua dos cataventos’” (NEJAR, 2007, p. 202).

Nejar esclarece que Mario Quintana introduziu na poesia um humor lírico, às vezes evasivo, suficiente malicioso, inteligente, ou seja, o humor:

que ri com seus fantasmas, de quem nunca se libertou, nem quis libertar-se. Sua poesia desde o princípio na imagética é igual. Mudou apenas no tom mais sofrido. Para ele a poesia é dança insondável, começo e fim. Espanto. A realidade é diversa, ‘velho casarão de vidraças partidas’. A imagética nos pomares deste poeta do Alegrete ou Andrômeda despoja-se, entre rimas e aliterações, ‘da impura linguagem dos homens’. Com a rua da linguagem, *a dos cataventos*, que lhe pertence, como a *Pasárgada* de Bandeira (NEJAR, 2007, p. 283).

O crítico destaca o fato de que há outra esfera na criação do poeta alegretense, qual seja, a profana:

num espelho onde o fundo é o ‘eu’ imperioso, imprevisível, categórico, o ‘eu’ na sala do poço, o ‘eu’ que fala tanto do poema e da poesia deslumbrado, falando de si, o ‘eu’ no poço do abismo e da infância. [...] Infelizmente, é muitas vezes mais celebrado por seu lado fácil, comunicatório, pelo tom trocadilhesco, anedótico, folclórico (nem sempre o mais apurado), popularesco, do que por sua maestria de mago das imagens, conhecedor da alma e morador da rua dos cataventos (NEJAR, 2007, p. 285).

Conclusão

Enfim, observa-se que, nessa publicação mais atualizada temos não só maiores comentários acerca da obra poética de Quintana, como também menções a seus livros: *A rua dos cataventos* (1940), *Canções* (1946), *Sapato florido* (1948), *O aprendiz de feiticeiro* (1950), *Espelho mágico* (1951), *Apontamentos de história sobrenatural* (1976), *O velório sem defunto* (1990). Essa é uma das exceções num panorama em que muitos estudiosos da literatura brasileira não incluem Quintana em seus livros de historiografia literária e aqueles que o mencionam não pontuam todo o conjunto de sua obra. Assim, dos 25 trabalhos de historiografia literária brasileira que ora consultamos, apenas 11 mencionam o poeta sul-rio-grandense entre os escritores brasileiros do século XX. Além de Manuel Bandeira (1960), tal é o caso de Afrânio Coutinho (2004; 1976), Alceu Amoroso Lima (1959), Alfredo Bosi (1997), Raimundo de Menezes (1978), José Paulo Paes e Massaud Moisés (1980), Amauri Sanches (1982), Massaud Moisés (1984), Flávio Aguiar (1988) e Carlos Nejar (2007). Contudo, o poemário *Inéditos e esparsos* nunca figura no conjunto da produção de Quintana, razão pela qual, necessitamos realocá-lo na história editorial do poeta e, assim, na história da literatura brasileira.

Referências Bibliográficas

- ABREU, João Capistrano de. *Ensaio e estudos: crítica e história*. 2. ed. Rio de Janeiro: Brasília: Civilização Brasileira; INL, 1976. 259 p.
- AGUIAR, Flávio. *Panorama da literatura*. São Paulo: Nova Cultural, 1988. 74 p. (Literatura comentada).
- AMORA, Antônio Soares. *História da literatura brasileira: (séculos XVI-XX)*. 3. ed São Paulo: Saraiva, 1960. 215 p.
- ANDRADE, Mario de. *Aspectos da literatura brasileira*. São Paulo: Martins, 1967. 52 p.
- ARARIPE JÚNIOR, Tristão de Alencar. *Cartas sobre a literatura brasileira* (Rio de Janeiro : Typ. de J. A. dos Santos Cardoso, 1869.

AZEVEDO FILHO, Leodegário R. de. *Síntese crítica da literatura brasileira*. Rio de Janeiro: Geruasa, 1971. 129 p.

BANDEIRA, Manuel. *Noções de história das literaturas*. 5. ed. Sao Paulo: Editora Nacional, 1960. 2v. (Biblioteca Fundo Universal de Cultura - Estantes de Literatura).

BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. 3. ed. 17. tiragem. São Paulo: Cultrix, 1997. (Primeira edição em 1970).

BRASIL. INSTITUTO NACIONAL DO LIVRO. *Introdução ao estudo da literatura brasileira*. Rio de Janeiro: INL; MEC, 1963. 241 p. (Enciclopédia brasileira - Biblioteca de Obras Subsidiárias - S. A. - Assuntos brasileiros).

BRASIL, ASSIS. *A nova literatura*. Rio de Janeiro; Brasília: Americana; Instituto Nacional do Livro, 1973. v. (História crítica da literatura.).

CÂNDIDO, Antonio. *Formação da literatura brasileira: momentos decisivos*. 2. ed São Paulo: Martins, 1959. 2. v.

CÂNDIDO, Antonio; CASTELO, José Aderaldo. *Presença da literatura brasileira*. Rio de Janeiro: DIFEL, 1967.

CARVALHO, Ronald de. *Pequena história da literatura brasileira*. 11. ed Rio de Janeiro: F. Briguiet & Cia, 1958. 384 p.

CHALHOUB, Sidney; PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda (Org). *A história contada: capítulos de história social da literatura no Brasil*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998. 362p.

COUTINHO, Afrânio. *Da crítica e da nova crítica*. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1975. 222p. (Primeira edição em 1957).

COUTINHO, Afrânio. *Introdução à literatura no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira S.A., 1976. (Primeira edição em 1959).

COUTINHO, Afrânio (Org.). *A literatura no Brasil*. 7. ed. São Paulo: Global, 2004. 6 v. v. 5. (Primeira edição publicada entre 1955 e 1968).

FISCHER, Luís Augusto. Para uma descrição da prosa brasileira no século XX. In: VESCIO, Luís Eugênio; SANTOS, Pedro Brum (Org). *História e literatura: perspectivas e convergências*. Bauru: EDUSC, 1999. p. 97-142.

FRANCHETTI, Paulo. História literária: um gênero em crise. *Semear: Revista da Cátedra Padre Antônio Vieira de Estudos Portugueses*, Rio de Janeiro, n. 7, p. 247-264, 2002.

GIL, Antonio Carlos. *Como elaborar projetos de pesquisa*. 4. ed São Paulo: Atlas, 2002. 175 p.

JAUSS, Hans Robert. *A história da literatura como provocação à teoria literária*. São Paulo: Ática, 1994.

LAJOLO, Marisa. Literatura e história da literatura: duas senhoras muito intrigantes. *Remate de Males*, Campinas, SP, v. 13, p. 105-112, 1993.

LEAL, Flávio. Afrânio Coutinho: à luz de uma teoria estética da história da literatura. *Espéculo, Revista de Estudios Literarios*, Madrid, n. 41, mar-jun. 2009. Disponível em: <<http://pendientedemigracion.ucm.es/info/especulo/numero41/coutinho.html>>. Acesso em: 15 jun. 2013.

- LIMA, Alceu Amoroso. *Introdução à literatura brasileira*. Rio de Janeiro: Agir, 1956. 211 p.
- LIMA, Alceu Amoroso. *Quadro sintético da literatura brasileira*. 2. ed Rio de Janeiro: Agir, 1959. 161 p.
- LITRENTO, Oliveiros. *Apresentação da literatura brasileira*. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1978.
- MENEZES, Raimundo de. *Dicionário literário brasileiro*. 2. ed. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1978.
- MITIDIARI, André Luis. Micro-história italiana para uma contribuição à biobibliografia de Mario Quintana. *Revista de Estudos Literários do NEITA - Núcleo de Estudos Interdisciplinares de Italiano da UFSC*, v. 1, p. 31-41, 2011a.
- MITIDIARI, André Luis. Nos passos de Quintana, uma possível micro-história literária. *Agalia (A Corunha)*, v. 103, p. 1-23, 2011b.
- MITIDIARI, André Luis. Quintana em *Ibirapuitan*, um suplemento à história e à crítica literárias. *Brasil/Brazil*, Porto Alegre/Providence, n. 34, ano 19, p.81-96, 2006.
- MITIDIARI, André Luis; SANTOS, Nadson Vinícius dos; SKOREK, Vanderleia. O vulto de Borges no 'Espelho mágico' de Quintana. *Literatura em Debate (URI)*, v. 6, p. 154-168, 2012.
- MITIDIARI, André Luis; SKOREK, Vanderleia. Mario Quintana, poeta de jornais. *Literatura em debate (URI)*, v. 3, p. 91-98, 2009.
- MITIDIARI, André Luis; SKOREK, Vanderleia. O Quintana que (quase) ninguém viu. *Antares: Letras e Humanidades*, v. 5, p. 210-227, 2011.
- MOISÉS, Massaud. *História da literatura brasileira*. São Paulo: Cultrix, 1984.
- MONTEIRO, Adolfo Casais. *Figuras e problemas da literatura brasileira contemporânea*. São Paulo: Instituto de Estudos Brasileiros, 1972. 229 p.
- MOREIRA, Idmar Boaventura. A história da literatura na berlinda: o caso Jorge Amado. *Sitientibus*, Feira de Santana, n. 40, p.153-174, jan./jun. 2009. 153p.
- NEJAR, Carlos. *História da literatura brasileira*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2007. 565p.
- OLINTO, Heidrun Krieger (Org.). *Histórias da literatura: as novas teorias alemãs*. São Paulo: Ática, 1996.
- PAES, José Paulo; MOISÉS, Massaud. *Pequeno dicionário de literatura brasileira*. 2. ed. São Paulo: Cultrix, 1980.
- RAMOS, Péricles Eugênio da Silva. Modernismo na poesia. In: COUTINHO, Afrânio (Org.). *A literatura no Brasil*. 7. ed. São Paulo: Global, 2004. 6 v. v. 5. p. 43-229. (Primeira edição publicada entre 1955 e 1968).
- ROMERO, Silvio. *História da literatura brasileira*. 6. ed Rio de Janeiro: Olympio, 1960. (Obras de Sílvio Romero). (Primeira edição em 1888).
- SANCHES, Amauri Mario Tonucci. *Panorama da literatura no Brasil*. São Paulo: Abril, 1982. 94p.

SODRÉ, Nelson Werneck. *História da literatura brasileira: seus fundamentos econômicos*. 4. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1964. 596 p. (Primeira edição em 1938).

VERÍSSIMO, José. *História da literatura brasileira*. 3. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1954. (Primeira edição em 1915).

BIBLIOGRAFIA PREVIAMENTE LEVANTADA

ALVES, José Helder Pinheiro. *A representação do tempo na poesia de Mario Quintana*. 2000. Tese (Doutorado em Letras). Universidade de São Paulo. São Paulo, 2000.

BARBOSA, Márcia Helena; SCHMIDT, Simone Pereira (Org.). *Mario Quintana*. Porto Alegre: UE, 1997. (Cadernos Porto & Vírgula, 14).

BECKER, Paulo. *Mario Quintana: as faces do feiticeiro*. Porto Alegre: EdUFRGS, 1996.

BITTENCOURT, Gilda Neves da Silva. *Caminhos de Mario Quintana: a formação do poeta*. Dissertação (Mestrado em Letras) — Porto Alegre, 1983.

BITTENCOURT, Gilda Neves da Silva. *Espelho mágico: gênese do verso curto e do humor em Mario Quintana*. *Ciências & Letras*, Porto Alegre, v. 39, p. 47-64, 2006.

BORDINI, Maria da Glória (Org.). *Mario Quintana: o anjo da escada*. Porto Alegre: Telos Empreendimentos Culturais, 2006.

CARVALHO, Vinícius Mariano de. *Fora da poesia, não há salvação: uma hermenêutica literária da poesia de Mario Quintana à luz da via negativa*. Inaugural-Dissertation zur Erlangung des Doktorgrades an der Philosophischen Fakultät der Universität Passau, 2005.

CASTRO, Néa. *Mario Quintana. Lírico e irônico. Cuidado: sua poesia do cotidiano nos empurra no abismo da eternidade*. Porto Alegre: Tchê!, 1985.

FREITAS, José Carlos de. *Os dançarinos do arame: lirismo e resistência em Mario Quintana*. 2005. Dissertação (Mestrado em Literatura Brasileira e Teorias da Literatura). Niterói: Universidade Federal Fluminense, 2005.

GINZBURG, Carlo. *O fio e os rastros: verdadeiro, falso, fictício*. Traduzido por Rosa Freire d'Aguiar e Eduardo Brandão. São Paulo: Companhia das Letras, 2007. (Edição italiana em 2006).

HOHLFELDT, Antonio. *Antologia da literatura rio-grandense contemporânea*. Porto Alegre: L&PM, 1979.

INSTITUTO ESTADUAL DO LIVRO. *Mario Quintana: poeta, caminhante e sonhador*. Porto Alegre: IEL, 2006. (Autores Gaúchos). Colaboração: ALMAQ (Acervo Literário Mario Quintana). Coleção Autores Gaúchos.

MAROBIN, Luiz. *A literatura no Rio Grande do Sul: aspectos temáticos e estéticos*. Porto Alegre, Martins Livr. ED., 1985.

PINTO, Sérgio de Castro. *Longe daqui, aqui mesmo. A poética de Mario Quintana*. São Leopoldo, RS: Editora UNISINOS, 2000.

QUINTANA, Mario. *A cor do invisível*. Rio de Janeiro: Globo, 1989.

QUINTANA, Mario. *A vaca e o hipogrifo*. Porto Alegre: Garatuja, 1977.

QUINTANA, Mario. *Antologia poética de Mario Quintana*. Porto Alegre: Globo, 1989.

QUINTANA, Mario. *Antologia poética*. Rio de Janeiro: Edição do Autor, 1966. Seleção de Rubem Braga e Paulo Mendes Campos.

- QUINTANA, Mario. *Apontamentos de história sobrenatural*. Porto Alegre: Instituto Estadual do Livro; Globo, 1976.
- QUINTANA, Mario. *O aprendiz de feiticeiro*. Porto Alegre: Fronteira, 1950.
- QUINTANA, Mario. *Baú de espantos*. Porto Alegre: Globo, 1986.
- QUINTANA, Mario. *Caderno H*. Porto Alegre: Globo, 1973.
- QUINTANA, Mario. *Canções*. Porto Alegre: Globo, 1946.
- QUINTANA, Mario. *Esconderijos do tempo*. Porto Alegre: L&PM, 1980.
- QUINTANA, Mario. *Espelho mágico*. In: QUINTANA, Mario. *Poesias*. Porto Alegre: Globo, 1962. (Reedição dos primeiros cinco livros de poesias do autor).
- QUINTANA, Mario. *Espelho mágico*. Porto Alegre: Globo, 1951.
- QUINTANA, Mario. *Inéditos e esparsos*. Alegrete: Cadernos de Extremo Sul, 1953.
- QUINTANA, Mario. *Nova antologia poética*. Rio de Janeiro: Codecri, 1981.
- QUINTANA, Mario. *Poesia completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2006.
- QUINTANA, Mario. *Poesias*. Porto Alegre: Globo, 1962.
- QUINTANA, Mario. *Porta giratória*. Rio de Janeiro: Globo, 1988.
- QUINTANA, Mario. *Da preguiça como método de trabalho*. Porto Alegre: Globo, 2009.
- QUINTANA, Mario. *Preparativos de viagem*. Porto Alegre: Globo, 1987.
- QUINTANA, Mario. *Prosa e verso*. Porto Alegre: Globo, 1978.
- QUINTANA, Mario. *Sapato florido*. Porto Alegre: Globo, 1948.
- QUINTANA, Mario. *Sapato furado*. São Paulo: FTD, 1994.
- QUINTANA, Mario. *Velório sem defunto*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1990.
- REMÉDIOS, Maria Luiza Ritzel; MITIDIÉRI, André Luis. Uma vida contada pela poesia. In: Maria da Glória Bordini. (Org.). *Mario Quintana: o anjo da escada*. Porto Alegre, RS: Telos Empreendimentos Culturais, 2006, v. 1, p. 36-47.
- STEEN, Edla Van. Mario Quintana. In: STEEN, Edla Van. *Viver e escrever*. Porto Alegre: L&PM, 1981. 2 v. v. 1. p. 13-24.
- TORRESCASANA, Nilce Maria Ferrugem. *Mario Quintana: o lirismo na poesia*. Porto Alegre: EDIFUNBA, 1986.
- VASSALO, Márcio. *Mario Quintana*. São Paulo: Moderna, 2005.
- YOKOZAWA, Solange Fiuza Cardoso. *A memória lírica de Mario Quintana*. Porto Alegre: EdUFRGS, 2006.
- ZILBERMAN, Regina. *Mario Quintana*. São Paulo: Abril Cultural, 1982. (Literatura Comentada).
- ZILBERMAN, Regina. Mario Quintana: diversidade sempre fiel a si mesma. *Revista de Psicanálise*, Porto Alegre, v. 8, n. 3, p. 419-440, dez. 2001.
- ZILBERMAN, Regina. O Modernismo e a poesia de Mario Quintana. In: ZILBERMAN, Regina. *A literatura no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1992. p. 61-74.